

Abrahms, Max (2008) “What Terrorists Really Want – Terrorist Motives and Counterterrorist Strategy”
Resumo por Rafael Avila

Tese do autor: sem determinar os objetivos é contraproducente tentar qualquer estratégia contra-terrorista.

Visão tradicional (Leia-se Walter, Diniz e outros): Terroristas são atores **racionais** que atacam civis para **atingir metas políticas**. Por isso, os terroristas seriam **maximizadores de utilidade**; usa-se o terrorismo quando se espera ganhos políticos subtraídos dos custos esperados de uma outra forma alternativa de protesto.

As estratégias contra-terroristas existentes são desenhadas para derrotar o terrorismo por meio da redução de sua utilidade política. A estratégia mais comum é, portanto, mitigar o terrorismo através da diminuição dos benefícios políticos via uma política de não concessões; ou então diminuindo os prospectos de obtenção de benefícios por apaziguamento; ou ainda, por meio da não violência via promoção da democracia.

O autor questiona estes pontos, afirmando que a diminuição da utilidade política nos atos de terror irão funcionar dependendo do fato dos terroristas serem realmente atores racionais que atacam civis para atingir metas políticas ou não. Ou seja, o que o autor busca evidenciar é que se usarmos o modelo da racionalidade do ator e, por conseguinte, considerarmos os terroristas atores dotados de racionalidade, então o modelo tem sentido. Mas se estes não forem, como ele busca demonstrar, então este modelo está fadado ao fracasso e a ameaça terrorista não acabará.

Este modelo clássico é também conhecido como “modelo estratégico” e está baseado em três premissas fundamentais: 1) terroristas são motivados por preferências políticas relativamente consistentes e estáveis; 2) terroristas avaliam os ganhos políticos esperados tendo em vista as opções disponíveis, ou pelos menos as mais óbvias; e 3) terrorismo é adotado quando o retorno político esperado é superior a estas opções alternativas.

Os registros sobre o comportamento dos grupos terroristas não encaixam em algumas dessas três premissas. Sete tendências comuns das organizações contradizem essas premissas.

Para o autor, o “modelo estratégico” sub-especifica a estrutura de incentivo terrorista. Para ele, os terroristas são atores racionais que usam o terrorismo fundamentalmente para desenvolver laços afetivos fortes com companheiros terroristas. Deste modo, a estratégia de combater o terrorismo por meio da diminuição dos benefícios políticos advindos da ação falhará em diminuir a ameaça. O que este autor propõe é: **terroristas lutam mais para criar laços de afetividade entre eles do que necessariamente para se atingir fins políticos**.

O Modelo Estratégico

Agentes racionais são aqueles que: 1) possuem preferências estáveis e consistentes; 2) comparam os custos e os benefícios de todas as opções disponíveis; e 3) selecionam a opção ótima, ou seja, aquela que maximiza resultados. As Teorias de Decisão modernas reconhecem que os tomadores de decisão enfrentam restrições cognitivas e informacionais.

Desta forma, o modelo estratégico supõe que os terroristas são motivados por objetivos políticos estáveis e consistentes, que é codificada na plataforma política da organização terrorista.

Segundo, o modelo estratégico pressupõe que o terrorismo é um “curso de ação calculado” e que a “eficácia é o primeiro padrão pelo qual o terrorismo é comparado com outros métodos de se atingir metas políticas”. Especificamente, o modelo pressupõe que os grupos pesam suas opções políticas e somente recorrem ao

terrorismo depois de perceber que os outros caminhos políticos estão bloqueados. Segundo o autor, evidências não confirmam que o terrorismo é uma estratégia de último caso e que, na verdade, os grupos terroristas refletidamente evitam alternativas políticas não-violentas.

Terceiro, o modelo estratégico pressupõe que a decisão de usar o terrorismo é baseado na “lógica da consequência”, ou seja, sua efetividade política relativa às opções alternativas. Especificamente, pressupõe que as organizações terroristas alcançam suas plataformas políticas pelo menos algumas vezes atacando civis; que eles possuem “expectativas razoáveis” das consequências políticas de usar o terrorismo baseado em seus registros prévios de efetividade coercitiva; e que eles abandonam o conflito armado quando eles falham em obter concessões políticas ou quando opções políticas manifestadamente superiores aparecem.

Existem sete desafios que ameaçam as premissas do modelo estratégico e a idéia de que os grupos terroristas são formadas por pessoas racionais que são motivadas fundamentalmente a atingir as metas políticas da organização.

1) organizações terroristas não atingem suas metas políticas originais atacando civis; 2) organizações terroristas nunca usam terrorismo como último recurso e raramente agarram as oportunidades de se tornarem partidos políticos não-violentos; 3) organizações terroristas rejeitam propostas de compromissos políticos oferecidas pelo governo-alvo; 4) organizações terroristas tem plataformas políticas multiformes; 5) organizações terroristas geralmente realizam ataques anônimos, não dando a oportunidade aos Estados-alvos de fazer concessões políticas; 6) organizações terroristas com plataformas políticas idênticas geralmente atacam umas as outras mais que seu inimigo comum; e 7) organizações terroristas resistem à debandada quando eles falham em atingir sua plataforma política ou quando suas queixas políticas são resolvidas.

Desafio 01 – Ineficácia Coercitiva

No modelo estratégico, pessoas participam de um grupo terrorista porque estão comprometidas em alcançar suas plataformas políticas. O modelo estratégico é explícito quanto ao sucesso de um grupo terrorista estar ligado ao atingimento de seus objetivos políticos. O grande desafio a este modelo é que as organizações raramente atingem suas demandas políticas atacando civis. Ataques terroristas a civis tem historicamente fortalecido os linhas-dura que se opõe a eles. Por esta razão, ataques dessa natureza fecham –e não abrem – o espaço de barganha entre o que o grupo terrorista demanda e o que o Estado-alvo está disposto a oferecer.

Desafio 02 – Terrorismo como o primeiro recurso

O modelo estratégico pressupõe que grupos se tornam terroristas após pesar suas opções políticas e determinar que elas estão bloqueadas. Deriva-se deste modelo a percepção então de o terrorismo é um “último recurso”, uma “escolha restringida” imposta pela ausência de alternativas políticas. Na realidade, grupos terroristas não abraçam o terrorismo como última alternativa e raramente abandonam o confronto armado para se tornar partidos não-violentos.

Grupos terroristas nunca carecem de alternativas políticas. Muitos estudos mostram que somente os Estados totalitários e opressivos estão imunes ao terrorismo e, que o número de organizações terroristas operando em um país está positivamente associado com a liberdade de expressão, de reunião e associação – condições para a ocorrência da mudança política pacífica. O “paradoxo do terrorismo” é que os grupos terroristas tendem a atacar sociedades com um enorme número de alternativas políticas, não as com menos.

Relativamente poucas organizações terroristas abandonaram o confronto armado para se tornar partidos políticos normais. Mais comumente, organizações terroristas labutam lado a lado com partidos pacíficos,

recusam-se a baixar suas armas após participar de eleições nacionais, ou sabotam eleições abertas que poderiam trazer maiores ganhos políticos para o grupo. De várias formas, estratégias não-violentas são consideradas mais efetivas politicamente, mas organizações terroristas tendem a manter, de uma forma ou de outra, o caminho da resistência armada.

Desafio 03: Terroristas Reflexivamente Não Comprometidos

Organizações terroristas são caracterizadas por uma “intransigente recusa a comprometer-se”. É muito mais comum para eles desviar-se de negociações do que abandonar seus ataques. De fato, nenhum processo de paz conseguiu transformar uma organização terrorista ampla em um partido político não-violento. Os proponentes do modelo estratégico afirmam que os terroristas estão agindo racionalmente ao se opor ao compromisso porque sua preferência política é inerentemente extrema, impedindo uma solução aceitável na barganha com o Estado-alvo. Segundo, o autor, este argumento é falho.

Em primeiro lugar, terrorismo é um extremismo de meios e não de fins. Muitos grupos terroristas professam posições políticas surpreendentemente moderadas. Robert Pape aponta que os objetivos políticos terroristas, mesmo os que empregam terrorismo suicidas, costumam ser bem comuns. Comuns do ponto de serem semelhantes a daqueles nacionalistas de suas comunidades. Organizações terroristas raramente se comprometem a negociar mesmo quando essas negociações podem satisfazer um porção significativa de suas queixas políticas.

Para o modelo estratégico, mesmo quando um grupo terrorista é motivado por preferências políticas extremas, um acordo é sempre preferível em relação a um impasse político. Em suma, a teoria da barganha postula que um curso de ação racional é o comprometimento político – mesmo quando isso significa assegurar só parcela das concessões ao invés de continuar sob um impasse – mas raramente isso acontece, na visão do autor.

Desafio 04 – Plataformas Políticas Multiformes

O modelo estratégico postula que organizações terroristas são relativamente estáveis e consistentes em suas metas e isso reflete em sua plataforma política. Na visão do autor, as organizações terroristas geralmente tem plataformas políticas multiformes. O que o autor quer dizer é que organizações terroristas quase sempre perseguem metas políticas instáveis, mesmo inconsistentes, minando a suposição que os membros do grupo são motivados por uma consistente e estável função codificada na plataforma política da organização.

Desafio 05 – Ataques Anônimos

O modelo estratégico considera que o terrorismo é baseado na lógica da consequência, especificamente, na habilidade de obter concessões políticas por meio da coerção junto ao Estado-alvo. A questão é que a lógica da coerção pressupõe o conhecimento da parte que está sendo coagida. O desafio ao modelo estratégico está justamente na percepção de que na maior parte do tempo as organizações terroristas não apresentam demandas políticas e muito menos buscam levar crédito por seus ataques.

Agrega-se a isto a questão de que muitas vezes, mesmo o grupo assumindo a autoria de um ato, não há qualquer divulgação de uma demanda política específica. Como aponta Schelling: usualmente não há nada a se negociar. Os perpetradores não pedem nada e não demandam nada. Em suma, o modelo estratégico postula que o terrorismo é um efetivo instrumento de coerção. Para o autor, isso não é verdade pois muitas vezes não há demandas e nem preferências políticas colocadas às claras.

Desafio 06 – Fratricídio Terrorista

O modelo estratégico postula que terroristas são motivados por uma utilidade consistente que reflete em sua plataforma política. Porém, como destaca o autor, organizações terroristas muitas vezes engajam em guerras de aniquilação com outros grupos cuja plataforma política seja semelhante, antes mesmo de buscar atacar seu inimigo primário.

Desafio 07 – Terrorismo Sem Fim

O modelo estratégico aponta que grupos terroristas debandam ou renunciam ao terrorismo quando falham continuamente em avançar em suas plataformas políticas. Desta forma, para esta teoria, a violência tenderia a cessar quando as queixas do grupo forem sanadas. O desafio para o modelo está justamente na noção de que os grupos resistem à debandada mesmo quando parcela de suas queixas deixa de existir ou é resolvida. Para o autor, quando a racionalidade política está perdendo relevância, organizações terroristas costumam inventar outra.

O que os terroristas realmente querem

O autor propõe que as pessoas se tornam terroristas não para atingir a agenda política declarada pela organização mas para desenvolver laços afetivos fortes com outros membros do grupo terrorista. Ou seja, pessoas participam de grupos terroristas devido à solidariedade social, não por seu retorno político. O modelo do sistema natural, uma das abordagens da teoria das organizações, postula que pessoas participam em organizações não para atingir metas oficiais, mas para experimentar solidariedade social com outros membros.

No modelo clássico, membros participam de uma organização somente para atingir as metas declaradas da organização. No modelo dos sistemas naturais, e segundo Barnard, o incentivo mais importante no caso é o que ele chama de “condição de comunhão”, o senso de solidariedade de participar de uma coletividade social.

O modelo dos sistemas naturais enfatiza que organizações irão agir para perpetuar sua existência – mesmo quando fazendo isto se firam os objetivos oficiais – se seus membros acreditem na importância dos benefícios sociais gerados pela organização.

Se as pessoas participam de organizações terroristas fundamentalmente para atingir solidariedade social, pode-se esperar que: 1) no nível individual as pessoas sejam mais atraídas pelo desenvolvimento de laços afetivos fortes do que pelas metas políticas da organização; e 2) que no nível organizacional, os grupos terroristas engajem em ações para preservar a unidade social, mesmo quando isso impeça o atingimento de suas metas políticas oficiais.

Terroristas como perseguidores da solidariedade social

Indivíduos participam de organizações sociais não para atingir suas plataformas políticas, mas para desenvolver laços afetivos fortes com seus companheiros terroristas. Dados demográficos mostram que a grande maioria das organizações terroristas é composta por homens solteiros ou viúvas que não eram empregados antes de se unirem a eles. As organizações terroristas são repositórios de pessoas que estão deslocadas de suas terras natal, longe de suas famílias, amigos e etc. Muitos deles engajam por ter um amigo ou parente no grupo.

A maioria dos terroristas nestes grupos participam do confronto armado para melhorar seu relacionamento com outros terroristas ou para reduzir o senso de alienação da sociedade. Muitos terroristas, ainda, nunca desenvolvem um entendimento suficiente dos propósitos políticos de suas organizações.

As organizações terroristas focam seu recrutamento em indivíduos socialmente isolados, não naquelas pessoas que demonstram comprometimento com um dada causa política. Por isso, o autor afirma que as organizações terroristas são particularmente atrativas para aqueles que buscam solidariedade. Mesmo quando a organização terrorista falha em atingir sua plataforma política, atos de comprometimento dos terroristas levam à geração de novos recrutas, elevação do moral e fortalecimento da unidade social.

Por fim, há evidências que demonstrem que as organizações terroristas colapsam quando param de ser coletividades sociais desejáveis de se fazer parte. Rapoport demonstra que organizações terroristas tendem a debandar quando seus membros envelhecem, cansam-se da confrontação armada, e o grupo deixa de ser atrativo à novas gerações (falha na transição de gerações).

Os Desafios Revisitados

Os sete desafios demonstraram que as organizações terroristas se comportam mais como maximizadores de solidariedade social do que maximizadores políticos. O modelo dos sistemas naturais prediz que as organizações terroristas engajaram-se rotineiramente em ações para perpetuar e justificar sua existência mesmo quando solapa a agenda política oficial.

Implicações Contra-terroristas

A estratégia contra-terrorista mais comum é desenhada para reduzir o terrorismo a partir da diminuição de sua utilidade política. A estratégia predominante, portanto, é deter o terrorismo diminuindo a utilidade política via medidas estritas de não concessão. Outra estratégia comum é a promoção da democracia, que é conduzida de forma a dar mais poder aos cidadãos para endereçar seus problemas políticos de forma pacífica. O autor reafirma sua idéia de que não adianta estas estratégias na medida que o que os terroristas querem é reafirmar seus laços de solidariedade e que eles não irão debandar por causa de alternativas pacíficas ou por atingir parcela de seus objetivos.

Restam portanto duas possibilidades: 1) tentar antecipar as possíveis pessoas e suas relações de forma a descobrir as ligações, elos e redes que formam em volta do grupo terrorista. Deve-se prestar atenção em pessoas e grupos potencialmente marginalizados socialmente; 2) tentar minar os laços de identidade entre os membros do grupo. Uma alternativa é inserindo agentes duplos. A outra é tentar minimizar os efeitos colaterais tais quais: deslocamento, isolamento social e sentimentos de vingança. Isso diminuiria os benefícios sociais advindos de se fazer parte de uma organização como estas.

Kydd, Andrew & Walter, Bárbara F. (2006) "The Strategies of Terrorism"

Terrorismo frequentemente funciona. Segundo os autores, organizações terroristas engajam no terrorismo pois se costuma atingir aquilo que se deseja. Seqüestros de aviões, explosões de ônibus, e seqüestros de indivíduos podem ser vistas como atos irracionais e incoerentes por observadores externos, mas estas táticas podem ser surpreendentemente efetivas no atingimento dos objetivos políticos do grupo terrorista.

Propostas dos autores: escrever sobre as estratégias que as organizações terroristas empregam e as condições nas quais elas são bem ou mal sucedidas.

Estratégias Contra-terroristas não podem ser desenhadas sem que se entenda a lógica estratégica que guia a violência terrorista. Terrorismo funciona não porque insere medo nas populações-alvo mas porque faz com que governos e indivíduos reajam de formas que auxiliam a causa terrorista.

Este artigo visa responder quatro questões: 1) que tipos de metas os terroristas buscam atingir? 2) que estratégias eles perseguem para atingir essas metas? 3) porque essas estratégias funcionam em alguns

casos e não em outros? 4) dada essa estratégias, qual é a melhor resposta a ser dada pelos Estados-alvos para prevenir o terrorismo e proteger seu país de futuros ataques?

O cerne do artigo: mostrar que a violência terrorista é uma forma de **sinalização custosa**. Terroristas são tão fracos para impor sua vontade diretamente pela força das armas. Eles são algumas vezes fortes o suficiente, entretanto, para persuadir audiências a fazer o que eles desejam alterando as crenças dessa audiência de que eles tem a habilidade de impor custos altos e apresentam um alto grau de comprometimento com suas causas.

Devido ao fato de os grupos terroristas serem fracos, para suas ameaças serem críveis, eles tem que publicizar o quão longe eles estão dispostos a ir para obter os resultados desejados.

Há 5 lógicas estratégicas principais de sinalização custosa empregadas em campanhas terroristas: 1) *atrição* (terroristas buscam persuadir o inimigo que eles são fortes o suficiente para impor consideráveis custos se o inimigo permanecer em um determinado curso político); 2) *intimidação* (terroristas usam a intimidação tentando convencer a população que os terroristas são fortes o suficiente para punir desobediências e que o governo é fraco para detê-los, de forma que o povo passa a se comportar como os terroristas querem); 3) *provocação* (Uma estratégia de provocação é uma tentativa de induzir o inimigo a responder ao terrorismo com violência indiscriminada, o que radicaliza a população e os move no sentido de dar suporte aos terroristas); 4) *spoiling* (spoilers attack em um esforço de persuadir o inimigo que os moderados no lado terroristas são fracos e não confiáveis, de forma a solapar as tentativas de se chegar a um acordo de paz) e 5) *outbidding* (grupos engajam-se em outbidding use of violence para convencer a audiência que os terroristas tem grande resolução para lutar contra o inimigo do que os grupos rivais, e portanto merecem seu apoio).

Metas do Terrorismo